

MATOS, Olgária Chain Féres. *Adivinhas do tempo: êxtase e revolução*. São Paulo: Hucitec, 2008. 125 p.

Rogério Silva de Magalhães*

Muitos podem considerar *Adivinhas do tempo: êxtase e revolução* de Olgária C. F. Matos pouco edificante ou, no mínimo, menos denso qualitativamente em relação a outras obras da mesma autora, sobretudo, os leitores que já possuem certo contato com seus textos. Injustiça. Não nos iludamos com o número de páginas desse pequeno livro.

Em primeiro lugar, é importante dizer que o conteúdo dessa obra representa o estilo e as reflexões que ocupam a mente da filósofa desde o fim da década de 1980. Por essa razão, podemos dizer que o livro traz a marca da pesquisadora. Em segundo lugar, não é fácil eleger um tema central para o livro. Porém, grosso modo, podemos dizer que *Adivinhas do tempo: êxtase e revolução* é um livro para quem se interessa por uma análise filosófica da contemporaneidade. A sua abordagem é uma análise sobre o lugar do homem na sociedade industrial, sobre o tempo, sobre a política e sobre o papel do trabalho na vida humana nesse modelo de sociedade de vida administrada. Em suma, é uma crítica impiedosa contra a sociedade do capital. Se fosse imperativo definir esse livro em pouquíssimas palavras, talvez essas seriam as melhores. É uma crítica do presente. Não é à toa, portanto, que a análise do tema da revolução subjaz toda a obra como possibilidade de libertação.

Para fundamentar sua argumentação, o arcabouço teórico utilizado não difere drasticamente daquele presente em outros trabalhos. Benjamin, Marx, Adorno, Horkheimer, Marcuse, La Boétie, Debord são alguns dos pensadores que fornecem vívidas contribuições para a reflexão da autora. A literatura também é convocada a fazer sua doação: nesse caso, isto é, em *Adivinhas*, a presença mais constante é a de Baudelaire. Nenhuma surpresa. A escolha se justifica, sobretudo, por causa de Benjamin, leitor voraz e assaz intérprete da obra baudelaireana.

Em relação à divisão interna da obra, isto é, dos capítulos, é digno de nota a possibilidade de leitura não linear da mesma, isto é, o leitor não precisa seguir uma ordem cronológica. Pode-se começar de qualquer ponto sem decréscimo de compreensão da obra. É claro que, em um certo sentido, dar os primeiros passos a partir do primeiro capítulo tem o seu encanto na medida em que temos a sensação de estar desvendando um enigma. Essa seria a leitura tradicional.

Ainda a respeito da divisão interna do livro, merecem menção especial os títulos dos capítulos. Embora possa parecer o oposto ou pouco explícito nas primeiras páginas de cada um, eles aludem objetivamente ao conteúdo exposto em cada capítulo. Assim em *Baudelaire: antíteses e revolução*, a modernidade é desnudada. A vida

* Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/CAPES).

se funda em valores falsos. É o período dos contrastes: o tédio e o progresso. Baudelaire expõe em sua obra uma modernidade dominada pela mercadoria e, ao mesmo tempo, pelo tédio. Ora, o capital não deveria trazer felicidade? Baudelaire está atento às mudanças históricas e econômicas de seu tempo: o alvorecer da sociedade capitalista. Vemos assim que os títulos sintetizam bem o conteúdo dos capítulos.

Diante do exposto até o momento, é importante grifar que não há como fugir da marca maior desse livro: ele foi construído para ser contestador e, por isso mesmo desesperador. Um grito.

A ideologia contemporânea – a da vitória definitiva da economia de mercado e da democracia liberal – consiste, pois, em um behaviorismo oficial que faz crer na ‘impossibilidade do possível’. (MATOS, 2008, p. 14).

Sendo assim, conforme dito anteriormente, encontramos nessa obra uma crítica explícita à cultura capitalista.

O capitalismo realiza revoluções permanentes no modo de produção, arquivando formas de vida e de trabalho, desenraizando os homens de seus hábitos e valores e criando *Langeweile* e *Ennui*. (MATOS, 2008, p. 43).

E, atrelada à crítica do capitalismo, a autora não se exime de discorrer sobre o socialismo, além de realizar uma penetração analítica na temática da técnica e suas consequências para o destino do homem.

[...] os resultados anti-humanos da tecnologia – as catástrofes da energia nuclear civil, a indústria bélica, a exploração produtivista da natureza [...] bem como a decepção diante dos gigantescos desenvolvimentos da técnica não convieram ao aprofundamento das democracias políticas – questionaram a fé no progresso. Mas a ele sucedeu a crença no destino – o fetichismo econômico. Com o que essa época diluiu a questão existencial e metafísica das incertezas da vida e da história pelo elogio da insegurança e do medo. (MATOS, 2008, p. 53).

No livro, revela-se também que ser *homo economicus* em tempo integral tem o

seu preço: em primeiro lugar, o domínio da natureza e crise existencial do homem.

A história do Ocidente é a da dominação violenta da natureza e de nossa natureza, é obscurecimento das feridas que lhe infligimos e dos sofrimentos a que nos submetemos. (MATOS, 2008, p. 15).

Em segundo, falta de tempo para a contemplação de si. Logo, servidão.

A atividade sem trégua do modo de produção capitalista tornou-a desmedida, não tolerando o tempo livre, nem sequer o noturno de repouso, passividade ou contemplação. A economia exige a extensão e a intensificação da atividade até os últimos limites físicos e biológicos dos indivíduos. (MATOS, 2008, p. 55).

Na esfera privada, a consequência mais visceral dessa atitude alienada em relação ao trabalho é o abandono do desejo de autorealização independente da lógica de mercado. É nesse cenário que surge o tema da revolução em *Adivinhas*. Para a autora, o que o movimento revolucionário de “Maio de 68” propunha, por exemplo, era justamente uma reação, não uma entrega a essa lógica. Não se tratava de pleitear uma fatia maior de capital, mas de uma oposição a um mundo sem subjetividade, sem autonomia. Era uma luta contra a ausência de um mundo interrogativo onde se tenta constantemente excluir a contradição. Luta por dignidade. Não era, portanto, uma utopia *bon marché*.

O que os jovens contestaram e reconheceram em suas palavras-de-ordem, nos grafites, em suas faixas e panfletos foi o mundo desencantado do bem-estar material sem nenhum ideal de espírito. (MATOS, 2008, p. 75).

Na esfera pública, o efeito constatado pela autora é ainda mais devastador. De um lado, a dissolução da idéia de espaço público como o fórum privilegiado do debate coletivo. A palavra que funda a política, aquela que circula no espaço comum, é dilacerada.

A identificação da democracia com liberalismo econômico, a lei como lei

de uma classe, o direito como direito de uma classe, a moral como moral de uma classe, resultou na confirmação das forças sociais como absolutamente antagônicas, quer dizer, na oposição entre capital e trabalho, no aniquilamento da idéia de espaço público – aquele que é comum a todos e não apropriação de poucos, - e acessível a todos – e não privativo de alguns, forma de convívio dos conflitos e seu enfrentamento no campo da instituição e exercício de direitos e responsabilidades. [...] (MATOS, 2008, p. 71).

De outro, diante de democracias repressivas e socialismos decadentes, experimentamos a política do mascaramento do real. A política da imagem. Exigência do ca-

pital. “Trata-se do fim da política ou de sua falsificação: [...]” (MATOS, 2008, p. 109).

O livro nos revela tudo isso e muito mais. *Adivinhas do tempo: êxtase e revolução*, faz uma fina análise da realidade social e uma crítica contumaz ao conformismo desolador que assola os indivíduos nas sociedades industriais contemporâneas. Por conformismo, entende-se a adoção das imagens e palavras produzidas e difundidas por essa sociedade sem um exame crítico da razão. As possibilidades subjetivas e objetivas de fuga dessa monotonia se colocam à nossa frente. Infelizmente, nem sempre aproveitadas. Lucidez e pungência: é o mínimo que se pode dizer da reflexão filosófica apresentada pela autora nesse livro.